

# O GÉNERO BUCÓLICO EM UM POEMA JESUÍTICO (BPE, cod CXIV/1-39)

---

**Armando Duarte Senra Martins**

*Universidade de Évora*

Quando, em 1740, se celebrava o bicentenário da Companhia de Jesus, o jesuíta Manuel de Azevedo, professor de retórica na Universidade de Évora, organizou quarenta sessões académicas onde se recitaram panegíricos, orações, dramas, élogos, odes, poemas heróicos. Dessas comemorações, publicou umas conclusões de retórica, nas quais assim define a égloga: «A *égloga*, que também se denomina poema *bucólico* ou *pastoril* é a *imitação de coisas rústicas em estilo medíocre, ou suave*. Nela se tratam votos, felicitações, lamentações. Por isso, se pode compor oportunamente uma égloga por ocasião do aniversário ou morte de alguém (...). Mas tudo deve ter um sabor campestre». Como exemplo dessa adaptação do género a uma circunstância, fala o autor da ordenação de um bispo: deve falar-se do novo pastor, que governa, cura, apascenta as ovelhas. Divide ainda a égloga em três partes: matéria; estilo e ornamento. A matéria deve ser «o que se passa entre pastores, quando levam as ovelhas ou quando as recolhem ao redil; quando estão sentados ao lume, à sombra, ou nas fontes, e se fazem de acompanhar de brincadeiras e gracejos, ou os temperam com cantilenas». Do estilo humilde e suave constam as descrições e comparações retiradas da vida campestre e o modelo de tal estilo é, naturalmente, Virgílio que «propositadamente rebaixou, nas bucólicas, o estilo sublime da Eneida». O ornamento, a terceira parte, deve constar de alegorias para que «sob uma capa rústica, se esconda a elegância» (Azevedo, 1740: 11)<sup>1</sup>.

Mais ou menos ajustada à égloga clássica, tal teorização faz um parêntesis da evolução que o género sofrera. Basta olhar para as inovações de conteúdo – e.g. introdução de temas devocionais – ou de forma – evolução para o drama pastoral<sup>2</sup> – de que não faltam exemplos no Renascimento (*vide* Grant, 1965: *passim*). Sob a forma de drama pastoral a égloga apresentará, como é de esperar, um modo de comunicação próprio do texto dramático – que

---

<sup>1</sup> O texto será repetido *ipsis uerbis* na sua *Ars poetica* impressa em Veneza em 1781. Poderá parecer descabido convocar um teórico de Setecentos para compreender um poema de 1585, penso, no entanto, que o facto de ambos pertencerem a uma mesma tradição institucional e cultural que não sofreu solução de continuidade. Para prova disso mesmo, lembremos, apenas, que autores como Luís da Cruz ou Francisco Mendoça merecerão lugar nos currículos do século XVIII.

<sup>2</sup> Para caracterização do drama pastoral *vide* Fernandes (1999): 413.

inclui, nomeadamente, o elemento do receptor/público – que, em cada texto, importa analisar.

O texto que aqui pretendo apresentar é, precisamente, uma égloga escrita sob a forma de drama pastoral que se encontra no códice CXIV/1-39 da Biblioteca Pública de Évora, a ff. 79-90v. Embora não assinado, encontra-se no meio de vários textos de autoria de jesuítas do século XVI (Álvaro Lobo, Francisco Mendonça, Nicolau Godinho, Estevão Couto...) e de poemas em honra de Santo Inácio, factos que indiciam a sua autoria jesuítica<sup>3</sup>. No título pode ler-se *Ecloga de natalitiis Domini 1585 Conimbricae*. Quanto às circunstâncias da sua representação, o texto indicia a sua apresentação no contexto da passagem por Coimbra de uma embaixada à Cúria Romana de quatro jovens japoneses, primícias da nova Cristandade japonesa. Chegaram esses jovens a Portugal, em 1584, e daqui, através de Espanha alcançaram a Itália, de onde voltam em 1585. O diálogo, vertido para latim, reproduzindo as impressões dos jovens durante essa viagem, foi escrito por um Jesuíta, Eduardo de Sande, e editado em Macau, em 1590. Devemos ao Doutor Costa Ramalho, além da tradução desse mesmo diálogo, outros artigos, quer sobre o livro, quer sobre a dita embaixada e o seu significado (*vide* Ramalho, 1994 e 1997).

Há menção, no diálogo, de duas églogas representadas em honra dos jovens japoneses: uma, na Universidade de Évora, no regresso de Roma, e que, no texto, vem destacada entre outras realizações literárias e qualificada de «graciosíssima»<sup>4</sup>; outra, em Coimbra, no Natal de 1585 – que vem a ser a do códice CXIV/1-39 da BPE. A autoria do texto pertencerá a uma das classes de humanidades, que, segundo o costume entre Jesuítas, oferecia composições a uma personagem que estivesse de visita ao Colégio – e assim foi em Coimbra. A embaixada dos quatro jovens japoneses assistiu primeiro a dois espectáculos, a saber, uma representação do presépio e uma alegoria da fé cristã triunfante. Em seguida, dizem ter assistido a «uma égloga sobre pastores que falam entre si sobre o recente nascimento de Cristo, os quais advertidos pelo oráculo de Anjos, piedosa e solenemente adoram o Cristo que jaz no estábulo: quer pela graciosidade das personagens, quer pela variedade do assunto, o espectáculo deu-nos um enorme prazer».

De facto, no texto do códice CXIV/1-39 da BPE, há uma referência ao Japão na fala de uma personagem chamada «Conhecimento de Deus». Ao comemorar a vitória sobre a «Ignorância de Deus», a «Idolatria» e o Diabo,

<sup>3</sup> Neste mesmo Colóquio apresentou uma comunicação sobre uma outra égloga natalícia o Professor Manuel Barbosa, que provou ser de autoria jesuítica, embora de feição muito distinta, pois apresenta, como demonstrou igualmente, influência de Sannazzaro. Ver pp. .... destas *Actas*.

<sup>4</sup> «Eadem erga nos amoris signa praestiterunt omnes Academici auditores, orationibus, carminibus, aliisque similibus exercitationibus nostrum reditum ornantes: praesertim vero Ecloga quadam lepidissima animos nostros laetificantes.»: Eduardo de Sande, 1590: 347.